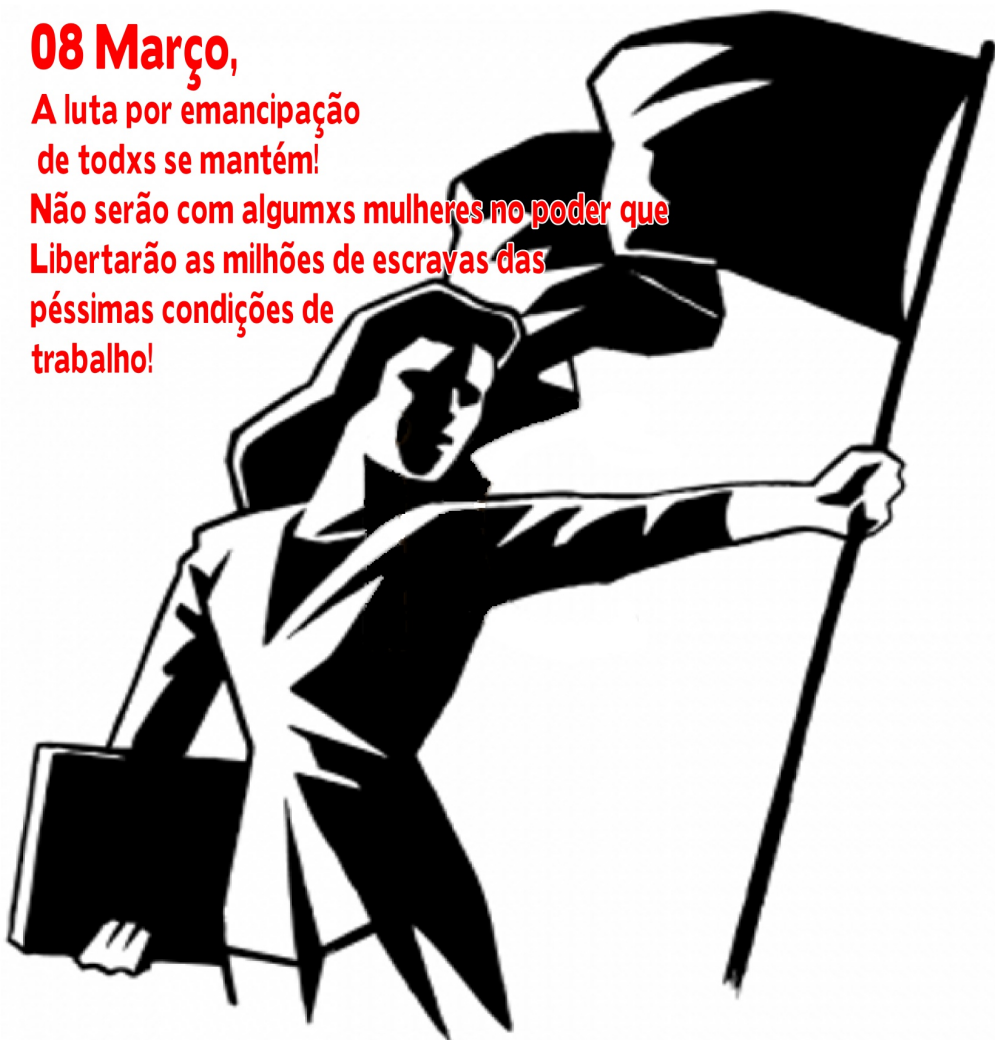
EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!

08 Março,

A luta por emancipação de todxs se mantém!

Não serão com algumxs mulheres no poder que Libertarão as milhões de escravas das péssimas condições de trabalho!

EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!

Devemos reinterar que nenhum tipo de violência será tolerada no meio anarquista.

Assim, aquelxs que se acham "xs mais oprimidxs e exploradxs" (se fazendo de vitima) para atacarem outrxs oprimidxs e exploradxs não serão bem-vindxs.

O dia de luta dxs trabalhadorxs é muito importante, pois lembra a organização de operárixs em busca de suas reinvindicações, tanto contra uma patronal machista patriarcal, muito arrogante, como de companheirxs tão oprimidxs mas que por serem de um genero diferente, se sentem donos e lideres de todxs. Em nosso meio, condenamos esse tipo de ação e nenhumx companheirx é mais do que xs outrxs.

O data marca simbolicamente a união da luta por emancipação, não só economica, como em outras esferas onde temos muita opressão e exploração como no ambito sexual, do genero, da cultura, da família, etc. É importante salientar: o anarquismo nunca propos só uma ruptura economica ou politica, sempre foi marcado por uma proposta de amplitude em todas as esferas das relações humanas.

Então é condenável que ainda tenhamos companheirxs que não entendam isso e tentem controlar e partidarizar o anarquismo e promover cisões e mais cisões em vez de unir as diversas lutas que formam o cadeiloscópio anarquista.

União entre nós, luta contra xs senhorxs!!!!

A nossa emancipação é nossa obra e de mais ninguém!!!

Nos vemos nas ruas!!!

AURORA OBREIRA

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta e local para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido, sem religião, sem Estado.

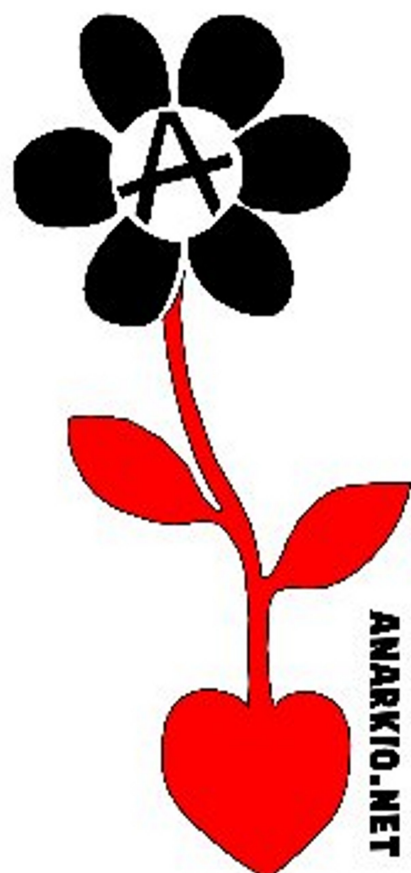
AURORA OBREIRA

Número 24 - Março 2013. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra, Ovelha Negra, Boletim Operário
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 12.

Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@anarkio.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net

Barricada Libertária -LoBo
CP: 5005 - CEP: 13036-970 - Campinas - São Paulo

http://anarkio.net

Carregamos um novo mundo em nossos corações e não será o seu imobilismo que impedirá de florescer, podem impedir uma semente de germinar, mas não milhões sem classe, sem opressão, sem exploração, sem Estado, sem partidos, sem patrões!

Prática Libertária

Esse material é mais uma contribuição para construção do socialismo libertário, através de nossa práticas no dia-a-dia. Auxiliará axs companheirxs nos momentos de organização, onde ainda carecemos de uma prática cotidiana e continuada.

Use-o como referência na luta, adapte-o as necessidade locais.

Construindo o socialismo libertário através de práticas não-autoritárias!

Os Movimentos Populares

As classes oprimidas e exploradas ao se unir, se movimentam.

As motivações para mobilização nascem das necessidades da população. A mobilização dessas classes acontecem por inúmeros motivos, cabendo interpretar esses motivos e apresentá-los de forma clara, que os leve a participar. É necessário discernimento para isso, pois podemos levantar elementos estranhos ou não familiares as suas realidades, levando a consequências desfavoráveis.

Uma vez que se mobilizam, é necessário pensar a organização. Invariavelmente a mobilização é esporádica, espontânea e temporária, o que a organização não precisa ser. Organizar é formar uma estrutura coordenada, onde as tarefas assumidas são realizadas de forma horizontal e dão a cara do movimento.

Para isso:

a)Compromisso de ação dxs companheirxs para com o movimento e sua organização.

b)Condições para isso acontecer (traçar objetivos, metas e como atingi-las), tanto de forma lenta, gradual ou de forma brusca, imediata.

FORA CENSURA!

POR UM MUNDO REALMENTE LIVRE!

Estudos de Necessidades

Os estudo de necessidade é a compreensão dos problemas sociais locais, suas necessidades. Cabe identificar se é isolado ou é semelhante ou tem relação a outros lugares.

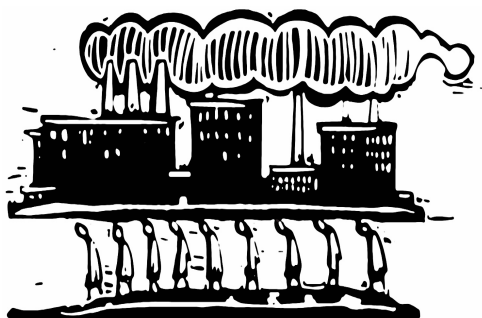
A sua finalidade é gerar conhecimento da região onde vivemos, orienta onde podemos atuar, onde iniciar e como interagir nossas ações e nosso movimento.

Sugestão para Estudo: A classe social da área; perfil geopolítico (etnias, gênero, influências partidárias, religiosas, assistencialismos); situação geral de exploração e opressão (rondas policiais, chacinas, milicias, trafico, desemprego, forças direita, forças esquerda, etc); identificação de agentes causadores de miséria local (nomes identificáveis, nada muito além, nesse caso empresas, fábricas, famílias influentes, comerciantes, fazendeiros, etc); problemas enfrentados na região; atividades do público (lazer, esportes, ocupações); lutas envolvidas e história dessas lutas; referências de lutas; espirito para luta; crenças; cultura predominante; tabus; escolaridade; possíveis “aliados”.

Com esse material, é possível uma maio compreensão da região e desenvolver nossa ações de acordo as necessidades locais. Não se deve colocar de lado as lutas nacionais e internacionais contudo, mas desenvolvê-las da base para o topo.

Sem ação local, não há crítica global.

A Convivência

Conhecer a realidade é se manter em nossa classe, viver o cotidiano, seus problemas, suas alegrias. Não há nenhum processo de inserção por esse fato, não estamos entrando em nada. Nenhumx companheirx sincerx abandona a luta de sua região, onde mora sua família e onde acontece as lutas para faze-la em outro lugar, isso é um erro. É importante interagirmos com nossxs próximxs, com nossxs irmãxs de classe.

A Formulação de Propostas

A população pode não estar consciente dos problemas que tem, mas sabe das dificuldades que possuem.

Entendem que falta (embora, em muitas vezes não o por que, o motivo e a causa e quem o que são os culpados disso), o que causa problemas para organizar. Não sabendo contra quem ou o que lutar, não se levanta, não luta. Há sempre a necessidade de formar propostas concretas que resolvam problemas imediatos (saúde, educação, transporte, moradia, econômico) e a partir delas é que agrupamos nossa classe para a luta. É necessário trabalhar a proposta que seja eficiente e aceitável por nossa classe, nesse aspecto, podemos destacar:

-Concretas: ligada diretamente ao problema de nossa classe;

-Compreensíveis: nossa classe precisa entender o que é a proposta e assim aceita-la e defendê-la, sem clareza, logo ela é abandonada ou descartada;

-Justas: tem que ser feita no momento oportuno, nem muito antes ou nem depois de um fato relevante.

Para sua elaboração, devemos considerar a realidade e as possibilidades de sua realização no momento.

O Planejamento

Junto à proposta, acompanha as formas de executá-la, geralmente em 5 partes:

-Definir objetivos: o que se pretende, como fazer e o que alcançar (curto, médio e longo prazo);

-Definir as atividades e buscar meios: de acordo com os objetivos, o que é preciso para realiza-lo e também os meios necessários de sua efetuação: logística adequada, verba e divulgação e onde adquirir isso. Elencar prioridades, atender as mais importantes (não as mais urgentes), tendo como essenciais ao movimento;

-Definir as tarefas e os responsáveis: ao término do item acima, é necessário distribuir as responsabilidades para sua execução como as tarefas a serem feitas, distribuídas cronologicamente, evitando a sobrecarga de alguns sobre outros, é necessário que todos assumam tarefas, participem;

-Definir as metas e o tempo: prevendo as metas e o tempo para consegui-las. Evite as metas ousadas demais, quase irreais ou ao contrário,

tímidas e sem destaque aos participantes. Sempre equilibre as tarefas, para não haver sobrecarga ou ócio;

-Prever avaliações constantes: durante o processo, avaliem o andamento das atividades e a correção de possíveis falhas (iniciativa de to@s).

A Mobilização

Para estabelecer-se como uma força social, a mobilização precisa ter um caráter durável.

Nossa classe se desenvolve, cada vez mais torna consciente com uma prática continua de mobilização.

Mobilizações são atos pontuais que visam preparar, informar e formar as estruturas para ações diretas diversas (pacificas ou não). Mobilizar é preparar os companheiros, conscientizando, explanando, discursando, apresentando filmes, músicas e outros recursos que visam manter nossa classe atenta e pronta em relação a um determinado fato de relevância para nossa classe.

Isso qualifica nossa classe, organizando sua luta e atrai setores e indivíduos indecisos. A força de nossa classe está em sua capacidade de mobilizar e isso se deve a sua capacidade de organizar, quanto mais organizado, mais mobilizados e prontos para respostas concretas aos desafios da luta. Mobilizações não devem ser distantes umas das outras. Quanto mais o povo se mobiliza, mais aprende a participar em atividades de classe, coletivas. As mobilizações precisam, sempre no possível, trazer estímulos aos envolvidos visando aumentar sempre mais a adesão e participação dos atos, eventos e mobilizações.

Continua no próximo número

Crônica Operária

Herbert Spencer, referindo-se a certos grêmios operários, disse em um artigo de seus livros "Não há um só vestígio de espírito altruísta em cujo nome o socialismo deveria propagar-se..."

E assim pensamos nós, também, há dias, refletindo sobre o que, em Porto Alegre, se chama propaganda pelo bem-estar e pela emancipação do proletariado.

Circunstâncias de origem doméstica nos haviam impelido a uma caminhada aos Navegantes, antes do romper dia. Foi, isto, numa dessa última madrugadas siberianas com que junho impõe que nos recordemos dele. Tão baixa era a temperatura, que a morte, por ela, desceria, para aprisionar, enregelado, o notívago adormecido ao relento e fora do alcance das vistas policiais.

Regressamos às 6 e meia da manhã; a temperatura era quase a mesma de 2 horas antes. Tiritávamos. Na ida, encontramos apenas 4 infelizes soldados de polícia, a cavalo e abrigados em ponchos, como espectros negros, de contornos indecisos, sob a cerração densa da manhã; na volta, porém, mudara-se o aspecto das ruas, apesar da cerração e do frio serem cruelmente intensos.

Viemos transitando por umas quantas daquelas estradas dos Navegantes, incompletas e margeadas, de longe em longe, por edifícios baixos, de modesta construção, e às quais houve quem desse a vaidosa denominação de avenidas de cidades grandiosas. Pouco antes, ali dominava a solidão; havia, envolto na meia treva da madrugada tardia, algo de pavoroso no silêncio que o viadante quebrava, de leve, com o ruído dos seus passos, sobre o caminho macadamizado. Na volta seguiam, pelas mesmas avenidas que trilhávamos homens, mulheres e crianças, quase todos apressados que sabe para reagir contra a gelidez da temperatura, embuçados – uns em capotes e ponchos, outros em chalés ou mantas, ou somente com a cabeça abrigada por lenços ou chalinhos de malha, de algodão ou lã, atados sob os queixos.

Eram operários em marcha para o trabalho nas oficinas.

Ver adultos em caminho para o labor, embora sob cortante inclemência de uma manhã hibernal, não nos causou impressão estranha. Pois que o homem é de estrutura para as lutas mais

fortes, a ele compete manter a parte mais árdua do "struggle for life", sabemo-lo, por experiência própria.

Mas, ver a crianças e mulher sujeitas, em nossa terra a cruezas iguais àquela, causou-nos a mais penosa das impressões! Provavelmente, as almas boas que existem em Porto Alegre ignoram que, aqui, a necessidade do ganha-pão cotidiano cilícia a vida de pobres meninos e meninas, de infelizes donzelas, de mães de família, casadas ou viúvas, arrojando-as todas à escravidão dos regulamentos desumanos de certos estabelecimentos fabris, tal qual sucede nos grandes países industriais, onde a densidade da população e o acúmulo de fortunas colossais em mãos de poucos indivíduos transformam quase que em irracionais famintos, os deserdados da sorte, na avidez da imprescindível consecução dos meios de subsistência...

Que no país em que vivemos, como em todos, afinal, o homem luta nos mais ferozes combates, pela conquista do pão; que, nesses, padeça todas as agruras da pugna, todos os efeitos correlatos à descendência, que tem e defende, sobre o outro sexo – é lógico. Porém, que, aqui – onde a intensidade da concorrência industrial nem de leve possui o caráter de que existe na Europa, nos Estados Unidos, mesmo na Austrália e em parte da América do Sul – a criança e a mulher se vejam na dolorosa contingencia de abandonar o lar, à hora em que a treva reluta em ceder o espaço "al albor", para serem rebaixadas a condições impiedosas, impostas pela ganância dos grandes e pequenos "Shylocks", é coisa irrazoável, e que, dolorosamente, comove.

Aquelas mulheres madrugadoras e aquela madrugadora criançadas iam para as fábricas de espartilhos, de meias, de gravatas, de tecidos, etc., mourejar, em troca de um salário.

Nalguns desses estabelecimentos, o primeiro apito da máquina, chamando ao serviço o pessoal, já havia estridulado. E, por certo, muitas daquelas operárias, adultas ou não, alargavam os passos, a fim de vencer, com brevidades, a distância entre as suas moradas e as fábricas onde ima laborara, pois que, se lá chegassem 2 ou 3 minutos que fosses após a hora da entrada, ver-se-iam obrigadas a perder, pelo menos, meio dia de trabalho, tendo, conseqüentemente, que voltar para casa.

- Mas, talvez haja compensação ao sacrifício que fazem, como operárias – pensará o leitor.

- Sim, talvez – diremos nós – se é compensação, aquilo, o salário que, em regra, elas recebem, e que varia de 300 a 1500 réis por dia. Há, é certo, algumas que ganham mais do que isto, pois chegam a obter um salário de 4$; porém são bem poucas – umas 20, se tanto, entre as centenas de operárias de fábrica que se encontram em Porto

Alegre. E, para que tal suceda, é mister que concorram em seu favor diversas circunstâncias excepcionais.

Mas, não é tudo. Há multas pecuniárias nas fábricas. Se a operária conversa com outra, sem que seja em assunto de serviço; se comete um erro qualquer, embora de somenos importância, no trabalho; se não tolera uma admoestação, e replica paga a falta com multas, que vão desde 200 réis a 2$, em vários estabelecimentos, e que, em outros, ascendem a quantia superior.

Ante coisas assim, compreende-se porque muitíssimas moças pobres preferem entisicar costurando, à máquina, em casa, dia e noite, por tuta e meia, para lojas de roupas feitas, ou estafar-se, como engomadeiras, a se empregarem nas fábricas.

Em todos caso, é do rol das coisas bem tristes que uma pobre mulher, solteira ou viúva, para prover a própria subsistência e, as vezes, à de filhas ou irmãs menores, ficadas, como ela, ao desamparo, tenha de se sujeitar a tais martírios.

E sofre-se a mesma impressão que isso causa, ver, como vimos, por uma dessas últimas madrugadas frígidas, de céu plumboso e forne nevoeiro, infelizes crianças – meninos e meninas- com o rosto congestionado pela friagem, ocultando as mãos sob as axilas, a bater queixo, encolhidas, tiritantes, em caminho para as fábricas, onde, se chegassem a hora em que o rigor do regulamento exige, iam ganhar, no fim do dia, uns magros tostões, à laia de ordenado.

Ao reparar aquela criançada, pareceu-nos enxergar,, mais, um rebanho de cordeirinhos, que colhidos pela tempestade, desavisados do instinto, fugissem para um pouso onde se esperava a tosa...

Eram, de fato, muito semelhantes a isso, os grupos daqueles inocentinhos.

Há, em Porto Alegre, umas quantas associações operárias que funcionam, segundo os seus estatutos, para tratar dos interesses gerais da classe.

E por que motivo deixam ao desamparo os interesses das pobres mulheres e crianças operárias?

A verdade é flagrante, neste ponto estas sofrem muito mais do que os homens operários.

Qual a causa do desamparo em que os homens obreiros deixam aquela porção mais fraca de sua classe?

Esquecimento ou egoísmo masculino?

Seja qual for a causa, a realidade é que, à vista das condições em que se encontram as mulheres e crianças operárias, o observador imparcial que julgar a ação dos operários associados porto-alegrenses bem pode crer que a censura irrogada pelo famoso filósofo inglês não cabe às “trade-unions” da terra britânica...

Correio do Povo. Porto Alegre, 30 de junho de 1911.

Workers Chronic

Herbert Spencer, referring to certain workers unions, said in an article of his books "There is not a single trace of selfless spirit in whose name the socialism should be spread ..."

And so we think, also, there are days, reflecting on what, in Porto Alegre, are called advertisement for the welfare and the emancipation of the proletariat.

Circumstances of domestic origin had driven us to a walk to the “Navegantes”, before the break-down. It was, this, in one of this last Siberian mornings in which June requires that we remember him. So low was the temperature, that death, for her, would come down, to imprison, frozen, the night owl sleeping in the open and away from police view.

We returned at 6-thirty in the morning, the temperature was almost the same as 2 hours before. We shivered with cold. In the departure, we found only 4 miserable policemen, by horse and wearing ponchos, as black specters, of undecided contours, in the dense fog in the morning; in the return, however, the aspect of the streets changed, despite the fog and cold being cruelly intense.

We came moving through a few of those roads of the “Navegantes”, incomplete and bordered, from time to time, by low buildings, of modest construction, and which was given by someone the proud name of avenues of great cities. Earlier, there dominated the loneliness; there were shrouded in the half darkness late in the morning, something of awful in the silence that the walker broke, slightly, with the sound of his footsteps on the macadamized path. In the return followed by the same avenues that we were walking, men, women and children, almost everyone rushed to react against the cold temperature, covered - some in coats and ponchos, others in shawls or blankets, or just with the head protected by

neckerchiefs or little knitted shawls, of cotton or wool, tied under the chin.
They were workers marching to work in the workshops.
To see adults in the way for labor, albeit in a sharp inclemence of a winter morning, hadn't brought us strange feeling. Because the man is structured for the stronger struggles, he has to keep the hardest part of the "struggle for life", we know it from experience.
But, seeing the subject children and women, in our land crudities equal to that, caused us the most painful of the impressions! Probably the good souls that exist in Porto Alegre ignore that, here, the need for the quotidian work flagellates the life of poor boys and girls, of unhappy maidens, of mothers, wives or widows, throwing them all into the slavery of the inhuman regulations of certain manufacturing plants, as is the case in the major industrial countries, where population density and the accumulation of huge fortunes in the hands of a few individuals turn them into almost starving irrational beings, without-luck, in the greed of the essential completion of the means of subsistence ...
In the country in which we live, as in all, after all, the man fights in the fiercest fights, for the conquest of bread; that in these ones suffer all the sufferings of the life, all effects related to the descent, which has and defends, about the other sex - of course. However, here - where the intensity of industrial competition doesn't have the character that exists in Europe, the United States, even in Australia and parts of South America - children and women find themselves in the painful contingency to leave home, in the time when the darkness is reluctant to cede space "al albor", to be demoted to harsh conditions imposed by the greed of large and small "Shylocks", is something unreasonable, and painfully moving.
Those women and those children who got up early went to the factories of corsets, socks, ties, cloth, etc.., toil, in exchange for a salary.
In some of these establishments, the first whistle of the machine, calling the people to the service, had already shrilled. And, of course, many of those workers, adult or not, broaden the steps in order to win, briefly, the distance between their homes and factories where they'd work, since, if they get 2 or 3 minutes after the time of entry, they would lose at least half a day's work, and, therefore, had to return home.
- But there may be compensation to the sacrifice they make, as workers - will think the reader.
- Yes, maybe – we will say - if it is compensation, what the salary, as a rule, they receive, and that varies from 300 to 1500 reis per day. There are, of course, some who earn more than this, because come to get a salary of $ 4, but are very few -

about 20, if any, among the hundreds of factory workers who are in Porto Alegre. And to make it so, must compete in their favor different circumstances.

But it’s not all. There are monetary fines in the factories. If the worker talks with another without it being subject of the service; if anyone makes a mistake, though minor, at work; if anyone doesn’t tolerate a warning, and replicates, pays the fault with fines, ranging from 200 reis to 2$ in several establishments, and in others, they rise higher amount.

Faced with such things, it is understandable why many, many poor girls prefer to sew, in the machine, at home, day and night, for a little bit of food, to shops of clothes made, or tire themselves as “engomadeiras” (a woman who starches and irons clothes), than gain employment in factories.

In any case, it is part of the sad things that a poor woman, single or widowed, to fend for themselves and, sometimes, the daughters or younger sisters, stood as she was helpless, and has to go through such martyrs.

And it suffers the same impression that this causes to see, as we saw, for one of these last frigid mornings, the plumbous sky and the strong fog, unhappy children - boys and girls with the face flushed with the cold, hiding their hands under the armpits, clattering the teeth, huddled, shivering, on the way to the factories, where if they arrived on time regulation requires, they would earn at the end of the day, a meager pennies, by way of salary.

Noting that child, it seemed to us to see, plus, a flock of lambs, which collected by the storm, unaware of the instinct fled to a landing where they would be shorn ...

They were, in fact, very similar to this, the groups of those little innocent.

There is, in Porto Alegre, a few workers' associations that operate according to its statutes, to care the general interests of the class.

And why they leave in the helplessness the interests of poor women and children workers?

The truth is striking at this point they suffer more than men workers.

What is the cause of the helplessness that the worker men leave that portion of its weakest class?

Is it forgetfulness or male selfishness?

Whatever the cause, the reality is that, in view of the conditions in which are women and children workers, the impartial observer that judge the actions of workers associated of Porto Alegre may well believe that censorship inflicted by the famous English philosopher doesn’t matter to the "trade unions" of the British land ...

Correio do Povo. Porto Alegre, June 30, 1911.

Lembre-se

O anarquismo é dinâmico,

vivo e de amplas possibilidades,

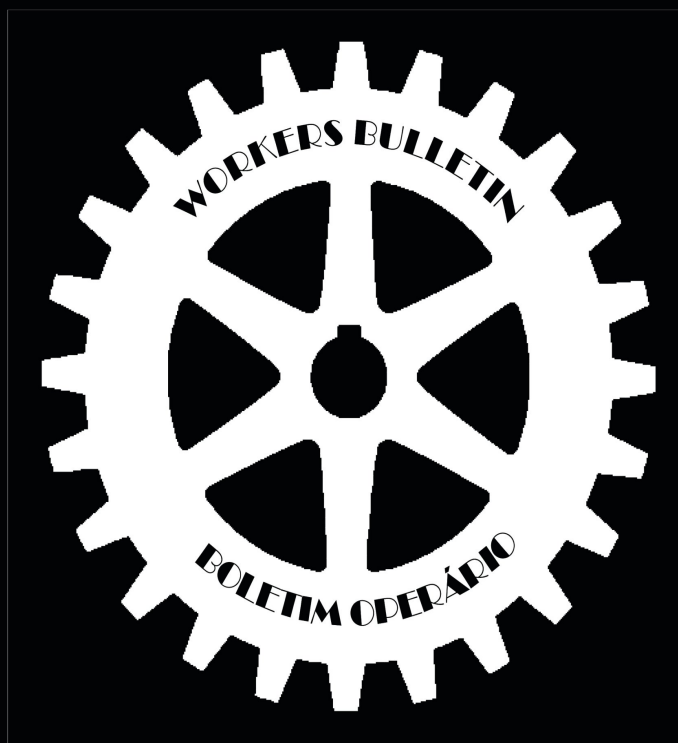
sem opressão e

sem exploração ...

ANARQUISMO NÃO É MERCADORIA!

SE NÃO PRECISA, NÃO COMPRE!
PREFIRA TROCAR - DOAR -
COMPARTILHAR - RECICLAR ...
SE TENS PRINCÍPIOS,
NÃO DEIXE OS "VALORE$" TE MANIPULAR!

Barricada Libertária - lobo@riseup.net
Fenikso Nigra - fenikso@riseup.net
http://anarkio.net
Movimento Anarquista

Boletim Operário é uma publicação semanal de caráter histórico que objetiva resgatar fragmentos de fatos relacionados ao Movimento Operário Brasileiro.

Não precisamos do Estado, partidos, igrejas ou patrões.

@BoletimOperario
boletimoperario.blogspot.com
boletimoperario.yolasite.com

Listas Libertárias

Fenikso Nigra <fenikso@lists.riseup.net>

fenikso-subscribe@lists.riseup.net

Expressões Anarquistas <expressoesanarquistas@lists.riseup.net>

expressoesanarquistas@lists.riseup.net

mais info: lobo@riseup.net